

Lisboa na obra de José Saramago: percurso pelo centro histórico

Lisbon in the work of José Saramago: **route** through the historic center

ISABEL ARAÚJO BRANCO * [isabelaraujobranco@gmail.com]

Resumo | Neste artigo é proposto um percurso pelo centro histórico de Lisboa a partir de quatro romances de José Saramago: *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *História do Cerco de Lisboa*. Percorreremos Alfama, o Castelo, a Baixa, o Bairro Alto e o Chiado seguindo as personagens destas obras ficcionais e assim conhecendo as ruas alfacinhas e as suas gentes.

Palavras-chave | Turismo, literatura, percursos, Lisboa, José Saramago

Abstract | This article suggests a tour through Lisbon's historic centre in four novels by José Saramago: *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* and *História do Cerco de Lisboa*. It is a walk through Alfama, Castelo, Baixa, Bairro Alto and Chiado following the characters of these fictional works and thus exploring the streets and the people.

Keywords | Tourism, literature, routes, Lisbon, José Saramago

1. Introdução

O turismo cultural – ligado ao património e às diversas expressões artísticas, entre elas a literatura – tem crescido fortemente nos últimos anos, nomeadamente em Portugal. Vários estudos demonstram que os turistas se interessam cada vez mais por conhecer as culturas dos países que visitam e que tal é um dos factores condicionantes ao

optarem por um destino. Não pretendendo aqui discutir conceitos, não podemos deixar de recordar que, segundo Bob McKercher e Hilary du Cros, o turismo cultural envolve quatro elementos: turismo, a utilização de espaços ligados ao património cultural, o consumo de experiências e serviços e, finalmente, o turista (McKercher & Cros, 2002, 6). A literatura, integrada no património cultural, pode ter um papel significativo no imaginário dos

* **Doutorada** em Literaturas e Culturas Modernas, na especialidade de Estudos Literários Comparados pela Universidade Nova de Lisboa. **Professora** Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigadora Integrada no CHAM (FCSH, Universidade Nova de Lisboa).

locais e das pessoas (Robinson, 2004, 311). Vejamos o caso de Lisboa e a sua relação com a obra literária de José Saramago.

2. A cidade de Lisboa e o recente *boom* turístico

Notícias do último trimestre de 2016 veiculavam que Lisboa era a quinta cidade europeia com o crescimento mais rápido em número de visitantes internacionais, depois de Hamburgo, Berlim, Istambul e Copenhaga, de acordo com o estudo «Global Destinations Cities Index», publicado pela Mastercard (Hedrick-Wong & Choong, 2016). No início de 2017, a imprensa noticiava que o turismo crescerá ainda mais nesse ano e que a maioria dos visitantes da região de Lisboa tinha nacionalidade francesa:

Cerca de meio milhão de franceses terá visitado a região de Lisboa durante os primeiros 10 meses de 2016, de acordo Associação de Turismo de Lisboa (ATL) e com base nos dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE), destronando assim os espanhóis do primeiro lugar dos mercados externos que mais visitam a região. O aumento de 17,1% nas dormidas daquela nacionalidade (cerca de 1,35 milhões) confirma a evolução do destino não só no segmento “city break”, mas também como um destino “culturalmente apelativo e vibrante”, que a diretora executiva da ATL, Paula Oliveira, acredita que permitirá manter o crescimento do destino em 2017. (Nunes, 2017)

Estas peças jornalísticas reflectem uma realidade visível no dia-a-dia da cidade, em particular nos bairros históricos, onde o número de turistas a

circular pelas ruas, nos transportes públicos e nos *tuk-tuks* aumentou exponencialmente nos últimos anos com consequências positivas, como a revitalização de zonas como a Baixa, Alfama, Mouraria, São Vicente e Graça. Muitos prédios foram alvo de obras e as artérias passaram a ter quem as frequente até horas tardias, aumentando a sensação de segurança. Outro efeito é a ampliação da autoconfiança da população, sentindo-se apreciada e valorizada por estrangeiros, a quem dá mais crédito do que a si própria.

Mas nem tudo corre bem, como provam os movimentos contra a exploração turística desenfreada que visa o lucro fácil e rápido, associado aos referidos *tuk-tuks*, ao aluguer de apartamentos e quartos de curta duração, ao crescimento rápido dos preços de casas, à “expulsão” dos habitantes para fora do centro, aos despejos de lojas, inquilinos e associações para a substituição dos espaços e frequentadores por negócios turísticos, bem como à dificuldade de utilizar algumas carreiras da Carris devido à diminuta circulação de eléctricos e autocarros em comparação com o volume de passageiros. Muitos sustentam que o centro da capital se está a tornar um espaço de fantasia onde os turistas apenas vêm outros turistas, artificial, sem vida própria e formatado para vender. Alguns documentários recentes mostram esta situação, entre eles *Terramotourism* (Left Hand Rotation, 2016) e *Em Breve Estarás Aqui* (Fabio Petronilli, 2016). Uma notícia de Abril de 2017 dava conta de várias famílias de Alfama que atravessaram o Tejo e foram viver em Cacilhas (concelho de Almada e distrito de Setúbal) depois de “terem sido obrigadas a abandonar os apartamentos onde viviam no bairro, entretanto transformados em alojamento para turistas” (Rocha, 2017). A mesma peça adiantava que a freguesia de Santa Maria Maior perdeu 11 por cento da população nos últimos três anos. Podemos aplicar ao contexto alfacinha a reflexão geral sobre o turismo de Cristina Martínez Tejero, em “Interseções entre turismo e literatura: o olhar turístico na construção do Portugal literário. De-

senho da investigação e considerações sobre o corpus”:

Fenómenos como a pressão turística, a privatização do espaço público, a gentrificação, a comercialização do território ou a instrumentalização do património com fins puramente economicistas estão na ordem do dia nos destinos turísticos. É ainda possível acrescentar consequências mais estruturais como a tendência para o abandono escolar e uma menor percentagem de pessoas com estudos superiores nas zonas especialmente turísticas [...]. (Martínez Tejero, 2016, 80)

Que papel pode desempenhar a cultura neste complexo panorama? Além dos *tours* mais tradicionais, algumas empresas já oferecem visitas relacionadas com obras literárias e a vida de escritores, em particular de Fernando Pessoa. De facto, a literatura pode funcionar como inversão da padronização e estereotipização de Lisboa e da exploração superficial de lugares comuns, como as sardinhas, os eléctricos, os pastéis de nata e o fado. Através da literatura é possível afirmar a diversidade, a autenticidade, a pluralidade e a vitalidade cultural, contra a estagnação e a cristalização de imagens. Como indica Mike Robinson, “the consumption of travel writing is widely seen as an antidote to a packaged or mass tourism that is frequently portrayed as trite, devoid of adventure, and unimaginative” (Robinson, 2004, 312). O texto literário mostra a riqueza da multiplicidade das cidades, neste caso de Lisboa. Um recente artigo sobre a utilização de *Memorial do Convento*, de José Saramago, por guias do Convento de Mafra e daquela região mostra que o número de visitantes da vila aumentou muito com a publicação do romance, criando “the need to reconcile history with fiction” (Oliveira, 2016, 318) e que os profissionais do turismo, salientando a importância da “verdade” histórica, reconhecem que o público desfruta das “es-

tórias” dentro da história e que aceita a diferença entre o trabalho literário e a realidade histórica. Lemos:

Instead of an obstacle, however, the work and the author’s ironic style were, in fact, seen as allowing a greater discursive freedom: “literature allows us a greater freedom”, “a very different freedom from traditional historical discourses”; “[Saramago’s] own writing allows that freedom; that is why we sometimes follow his irony”, something impossible in the more traditional, “generalist visits” [...]. (Oliveira, 2016, 318-319)

Como sustentam Silvia Quinteiro e Rita Baleiro, podemos incluir na categoria “literatura de turismo” todos “os textos literários que têm a capacidade de acrescentar valor turístico a um lugar” (Quinteiro & Baleiro, 2014, 12), distinguindo entre o “turista literário” e o “peregrino literário”. Ambos são informados e procuram aprender através das suas viagens, bem como compreender e usufruir do lugar literário. Contudo, o primeiro tem uma ligação mais racional com o espaço e reconhece o capital simbólico e cultural da viagem, “consciente de que o consumo da literatura é em si mesmo um diferenciador de classes” (Quinteiro & Baleiro, 2014, 17). Quinteiro e Baleiro diferenciam ainda dois tipos de lugares literários: por um lado, aqueles que são associados aos autores, procurados principalmente pelos peregrinos literários; e, por outro, os que foram representados em textos literários, funcionando como cenário ou inspiração, visitados no essencial pelo turista literário, que, motivado “pelo desejo de encontrar na paisagem real aquilo que leu nas páginas de um livro, procura o produto da imaginação [...] na realidade do mundo físico” (Quinteiro & Baleiro, 2014, 16).

Nesse sentido, propomos um percurso destinado ao turista literário por Alfama, Castelo,

Baixa, Bairro Alto e Chiado a partir de quatro romances de José Saramago: *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *História do Cerco de Lisboa*.

3. Lisboa na obra de José Saramago

José Saramago nasceu no Ribatejo, em 1922, mas foi em criança para Lisboa, onde viveu até 1990, quando passou a viver parcialmente na ilha espanhola de Lanzarote. Autor de romances, contos, crónicas, teatro e poesia, é reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes escritores portugueses contemporâneos. Recebeu vários prémios, entre os quais o Nobel da Literatura, em 1998. Morreu em 2010 e o seu funeral, em Lisboa, foi acompanhado por milhares de pessoas, numa emocionada homenagem ao homem e ao autor.

A capital portuguesa constitui o pano de fundo de uma série de obras de Saramago, constituindo um cenário privilegiado dos seus textos e tornando-se parte integrante deles. Lisboa é, sem dúvida, o espaço que Saramago melhor conhece – espaço físico, mas também afetivo. Trata-se de uma cidade percorrida pelos pés e pelos olhos, mas vivida pelo coração e habitada pelas recordações pessoais e pela memória histórica. Conhecer a Lisboa de Saramago é, no essencial, conhecer a Lisboa real, a cidade histórica dos palácios, mas principalmente a cidade dos habitantes comuns, homens e mulheres que ganham a sua vida trabalhando e que a habitam no quotidiano mais vulgar.

Podemos identificar quatro grandes zonas geográficas da cidade presentes na obra de Saramago: em primeiro lugar, o centro histórico, que inclui Alfama, o Castelo, a Baixa, o Bairro Alto e o Chiado; em segundo, a área de Arroios, Penha de França e Alto do Pina, onde o autor viveu na infância e juventude, como recordou em *As Pequenas Memórias*; em terceiro, S. Sebastião da Pedreira, onde

a passarola de *Memorial do Convento* era guardada; e, em quarto, a zona ocidental, em particular Belém (e o cercado de Salomão de *A Viagem do Elefante*) e o Cemitério dos Prazeres (e a campa de Fernando Pessoa, visitada por Ricardo Reis em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*). Vamos concentrar-nos no primeiro grupo, tendo em conta a sua presença marcante na ficção.

Começemos o nosso percurso pelo Cais do Sodré, subindo a Rua do Alecrim, local onde se situa o Hotel Bragança que aloja Ricardo Reis nos seus primeiros tempos em Lisboa, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984). Reparemos nas placas dos estabelecimentos comerciais, muitos ligados aos transportes marítimos; nas calhas dos eléctricos, onde “correm regueirinhos de água” (Saramago, 1988, p. 69) quando chove; e na estátua de Eça de Queirós, acompanhado por uma musa desnuda, bem perto de outra estátua, a de Luís de Camões, um pouco mais acima, na praça com o nome do poeta. “Sobre a nudez da verdade o manto diáfano da fantasia”, lê-se na primeira. A frase é repensada pelo narrador do romance:

Sobre a nudez forte da fantasia o manto diáfano da verdade, e este dito, sim, dá muito mais que pensar, e saborosamente imaginar, sólida e nua a fantasia, diáfana apenas a verdade, se as sentenças viradas do avesso passarem a ser leis, que mundo faremos com elas, milagre é não endoidecerem os homens de cada vez que abrem a boca para falar. (Saramago, 1988, p. 62)

Atravessando a Praça Camões, sigamos pela Calçada do Combro alguns metros até virar à esquerda na Rua Marechal Saldanha, em direcção ao miradouro do Alto de Santa Catarina, onde Ricardo Reis alugou a sua casa com vista sobre o Tejo e a Margem Sul. Já então o encimava a estátua do Adamastor, monstro mítico d’*Os Lusíadas*, que dificultava a navegação no Cabo da Boa Esperança. A paisagem já não a contemplada pelo

poeta: “Lá em baixo, no rio, vogam fragatas, um rebocador arrasta atrás de si dois batelões, os navios de guerra estão amarrados às bóias, com a prova apontada à barra, sinal de que a maré está a encher.” (Saramago, 1988, p. 181) É daqui que Ricardo Reis acompanha a Revolta dos Marinheiros, tentativa falhada de derrubar a ditadura de Salazar, em Setembro de 1936, por três navios fundados no Tejo. É como um filme que se desenrola em frente aos seus olhos:

Deste lado da cidade começaram a soar tiros, mais violentos, mais espaçados. É o forte do Alto do Duque, diz alguém, estão perdidos, já não vão poder sair. E é neste momento que outro barco começa a navegar, um contratorpedeiro, o Dão, só pode ser ele, procurando ocultar-se no fumo das suas próprias chaminés e encostando-se à margem sul para escapar ao fogo do forte de Almada, mas, se desta escapa, não foge ao Alto do Duque, as granadas rebentam na água, contra o talude, estas são de enquadramento, as próximas atingem o barco, o impacte é directo, já sobre no Dão uma bandeira branca, rendição, mas o bombardeamento continua, o navio vai adernado, então são mostrados sinais de maior dimensão, lençóis, sudários, mortalhas, é o fim, o Bartolomeu Dias nem chegará a largar a bóia. (Saramago, 1988, pp. 410-411)

Regressemos à Calçada do Combro para atravessar para o outro passeio e entrar no Bairro Alto, zona popular associada ao fado e que albergou várias instituições, como o jornal O Século. Foi precisamente na Rua do Século que Ricardo Reis assiste ao bodo dos pobres, dado pela administração do periódico, e que aí junta mil pessoas, acompanhadas por agentes da autoridade:

o polícia avançou três passos, de bra-

ços abertos, como quem enxota galinhas para a capoeira, Vamos lá, quietos, não queiram que trabalhe o sabre, com estas persuasivas palavras a multidão acomodou-se, as mulheres murmurando como é costume seu, os homens fazendo de contas que não tinham ouvido, os garotos a pensar no brinquedo, será carrinho, será ciclista, será boneco de celulóide, por estes dariam camisola e livro de leitura. (Saramago, 1988, pp. 60-70)

Seguindo os passos do poeta, avancemos pela Calçada dos Caetanos e depois pela Rua do Norte, direitos ao Chiado, que já quase roçámos. Passamos pela estátua de Fernando Pessoa, encostada à “A Brasileira”, café onde Reis entrou para descansar e beber um café. As conversas eram feitas por literatos:

É uma besta, e como esta conversa se cruzava com outra, intrometeu-se acto contínuo uma voz autoritária que explicava, Eu recebi directamente de Paris, alguém comentou, Há quem afirme o contrário, não soube a quem a frase se dirigia, nem o seu significado, seria ou não seria besta, viera ou não viera de Paris. (Saramago, 1988, p. 180)

Logo à direita, viramos para a Rua António Maria Cardoso, sede da polícia política do salazarismo, onde Ricardo Reis foi interrogado, acompanhado pelo mau tempo de Inverno. Sigamo-lo até à porta: “virar aqui na igreja da Encarnação, sessenta passos até à outra esquina, não tem nada que enganar, outra vez o vento, agora soprando de frente, será ele que não deixa andar, serão os pés que se recusam ao caminho”. (Saramago, 1988, p. 188)

Seguimos pela Rua do Carmo espreitando as montras, até desembocar no Rossio, praça onde se situava o antigo restaurante Irmãos Unidos, fre-

quentado regularmente pelo poeta. Também na passagem de ano, de 1935 para 1936, ali esteve:

Para os lados do Teatro Nacional, o Rossio está cheio. [...] Está toda a gente de nariz no ar, com os olhos fitos no mostrador amarelo do relógio. Da Rua Primeiro de Dezembro um grupo de rapazes avança batendo com tampas de panela, tchim, tchim, e outros apitam, estridentes. Dão a volta ao largo fronteiro à estação, instalam-se debaixo da arcada do teatro, sempre a trinar nas gaitas e a bater as latas, e este barulho junta-se ao das matracas que ressoam por toda a praça, ra-ra-ra-ra [...], finalmente o ponteiro dos minutos cobre o ponteiro das horas, é meia-noite, a alegria dum libertação, por um instante breve o tempo largou os homens, deixou-os viver soltos, apenas assiste, irónico, benévolo, aí estão, abraçam-se uns aos outros, conhecidos e desconhecidos, beijam-se homens e mulheres ao acaso, são esses os beijos melhores, os que não têm futuro. (Saramago, 1988, pp. 76-77)

Esta mesma praça acolheu outros ajuntamentos ao longo dos séculos, como os autos-de-fé da Inquisição do século XVIII, descritos em *Memorial do Convento* (1982). Logo no capítulo cinco encontramos a narração de um que envolve 104 acusados, castigados pela Igreja no meio do que parece ser uma festa popular, com mulheres à janela, “vestidas e toucadas a primor” (Saramago, 1990, p. 50) e devidamente maquilhadas, procurando agradar aos pretendentes que passam em baixo, “de lenço na mão e circulando a capa” (Saramago, 1990, p. 51). O calor é suportado com a ajuda de limonada e melancia, acompanhadas por tremoços, pinhões, queijadas e tâmaras. A procissão é encimada pelos dominicanos e pelos inquisidores, seguidos pelos condenados. Entre eles, encontra-

se Sebastiana de Jesus, mãe de Blimunda, condenada a açoites e ao degredo de oito anos em Angola, por ter “visões e revelações” (Saramago, 1990, p. 52), fenómenos classificados como efeitos demoníacos pela Inquisição. No meio do suplício, Blimunda Sete-Luas conhece Baltazar Sete-Sóis. É o início de uma das mais marcantes histórias de amor da literatura portuguesa. Vinte e oito anos depois será a vez de Baltazar ali morrer queimado, noutra auto-de-fé, ao lado do dramaturgo António José da Silva, o Judeu.

Na Lisboa pós-terramoto de 1755, a partir do Rossio nascem ruas desenhadas a régua e esquadro, de traçado do arquitecto Manuel da Maia e Eugénio dos Santos. Ricardo Reis percorre várias dessas artérias, como a Rua dos Douradores, a Rua da Conceição, a Rua do Comércio, a Rua do Crucifixo, a Rua dos Sapateiros, a Rua de Santa Justa, a Rua dos Correiros e a Rua do Ouro, repletas de lojas, restaurantes e gente. Do outro lado, junto ao rio, fica a Praça do Comércio, também conhecida por Terreiro do Paço por aí se situar o palácio real desde o início do século XVI. O padre Bartolomeu Lourenço, de *Memorial do Convento*, deslocava-se à corte com assiduidade, mas também Baltazar e Blimunda frequentam o espaço, visto a praça ser palco de várias festividades e iniciativas. Por exemplo, aí assistiram a touradas, com a praça devidamente engalanada, rodeada de bancadas para os espectadores: “A praça está toda rodeada de mastros, com bandeirinhas no alto e cobertos de volantes até ao chão, que adejam com a brisa, e à entrada do curro armou-se um pórtico de madeira, pintada como se fosse mármore branco, e as colunas fingindo pedra da Arrábida, com os frisos e cornijas dourados.” (Saramago, 1990, p. 97)

Também por lá passa João Mau-Tempo, de *Levantado do Chão* (1980), a caminho da prisão do Aljube, estabelecimento penal destinado aos presos políticos, entre 1928 e 1965. Acompanhamos os seus passos e subimos a Rua da Prata até encontrar a linha do eléctrico, na Rua da Conceição. Seguindo sempre pelo percurso do 28 e passando

pela Sé, chegamos à Rua Augusto Rosa. A prisão ficava no número 42:

E agora subir escadas. João Mau-Tempo continua no meio dos dois, nunca as cautelas são demasiadas, para cima é um formigueiro, de térmitas, uma azáfama, um trabalho de zangãos com a sua zumbideira, ouvem-se campainhas de telefone, mas à medida que se vai subindo, primeiro andar, segundo andar, altos lanços, decresce o rumor e a agitação, tornam-se raras as pessoas, e no terceiro andar é quase o silêncio total, apenas da rua chegam desmaiados uns motores de automóveis e o murmúrio informe da cidade sob o calor da tarde. (Saramago, 1980, p. 241)

A detenção foi prolongada e penosa e, quando finalmente é libertado, à noite, João não tem para onde ir. É, então, acolhido por um desconhecido que o leva para sua casa, em Alfama, zona de gente pobre e simples, ali perto. Seguimos, portanto, até à Sé e daí pelas Cruzes da Sé, entrando pelo bairro. E vemos o mesmo que as personagens: “meteram-se por umas vielas húmidas e escarpadas, húmidas, com este tempo não admira, uma porta, uma escada estreitíssima, uma água-furtada, [...] esta janela das traseiras dá para o rio, há umas luzinhas de barcos, na outra banda raras são.” (Saramago, 1980, pp. 264-265)

As ruas do bairro são quase diariamente percorridas por Raimundo Silva, o protagonista de *História do Cerco de Lisboa* (1989):

O revisor entrou em Alfama pelo Arco do Chafariz d'El-Rei, almoçará por aí, numa casa de pasto da Rua S. João da Praça, para os lados da torre de S. Pedro, uma refeição popular portuguesa de carapaus fritos e arroz de tomate, com salada, e muita sorte, que

lhe calharam no prato as tenríssimas folhas do coração da alface. (Saramago, 1989, p. 73)

Seguindo a antiga cerca de Lisboa, Raimundo percorre:

um outro lanço da muralha no Pátio do Senhor da Murça, a Rua da Adiça, por onde a cerca subia, e a Norberto de Araújo, de baptismo recente, ao cimo um poderoso pano de muro, carcomido na base, estas são pedras vivas verdadeiramente, estão aqui há nove ou dez séculos, se não mais, do tempo dos bárbaros, e resistem, aguentam impávidas a torre sineira da igreja de Santa Luzia ou de S. Brás, tanto faz, neste lugar se abriam, ladies and gentlemen, as antigas Portas do Sol, a nascente viradas, primeiras a receber o rosado hálito do amanhecer, agora não resta mais que o largo que delas tomou o nome, porém, não mudaram os efeitos especiais da aurora. (Saramago, 1989, p. 74)

Raimundo mora no bairro do Castelo, um pouco acima. Basta seguir a sinalética. A sua casa fica na Rua do Milagre de Santo António e, da sua varanda, avista-se telhados avermelhados, a Sé, o Tejo e, ao longe, os sapais de Pancas e Alcochete. A leitaria “A Graciosa” acolhe-o às horas das refeições. Porque não lanchar num estabelecimento semelhante? O revisor lembra que “servem ali umas tostas mistas, aceitáveis mesmo por paladares mais exigentes do que o seu, e com um copo de vinho a acompanhar, um café para remate, certamente o estômago se daria por satisfeito” (Saramago, 1989, p. 131). Afinal, a leitaria não servia vinho e Raimundo teve de beber uma cerveja, junto a um homem idoso, de cabelo branco, concentrado num jornal: “Não tinha pressa, almoçara certamente em casa e viera instalar-se aqui para

beber um café e ler o periódico que o proprietário da leitaria, ainda conforme uma antiga tradição lisboeta, punha ao serviço dos fregueses.” (Saramago, 1989, p. 132) A visita não fica completa sem entrar no Castelo de S. Jorge e aí admirar a cidade: as ruas quadriculadas da Baixa, o Arco da Rua Augusta, as ruínas do Carmo, a Graça e o Campo de Santa Clara, “onde assentou arraiais D. Afonso Henriques com os seus soldados, que nossos foram, primeiros pais da nacionalidade, pois que os antepassados deles, por terem nascido cedo de mais, portugueses não tinham podido ser” (Saramago, 1989, p. 134), soldados que conquistaram efectivamente Lisboa aos mouros, ao contrário do que o revisor escreveu. E assim nos despedimos da Lisboa de Saramago.

Referências

- Hedrick-Wong, Y. & Choong, D. (2016). *Global Destination Cities Index*. Mastercard. Acedido em 28 de janeiro de 2017, em <https://newsroom.mastercard.com/wp-content/uploads/2016/09/FINAL-Global-Destination-Cities-Index-Report.pdf>
- Left Hand Rotation (2016). *Terramotourism*. Acedido em 28 de janeiro de 2017, em <https://vimeo.com/191797954>
- Martínez Tejero, C. (2016). “Interseções entre turismo e literatura: o olhar turístico na construção do Portugal literário. Desenho da investigação e considerações sobre o corpus” in Relvas, S. R., Rikki, M.-T. & Gómez Bedoya, M. (eds), *Association for Contemporary Iberian Studies. Iberian Interconnections. Conference Proceedings 2016*. Porto: Universidade Católica Editora.
- McKercher, B. & Cros, H. du (2002). *Cultural Tourism. The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management*. New York, London, Oxford: The Haworth Press.
- Nunes, E. (15-1-2017). “Turismo. Turismo vai crescer em 2017. Lisboa já ‘parle français’”. Lisboa: *Dinheiro Vivo*. Acedido em 28 de janeiro de 2017, em <https://www.dinheirovivo.pt/economia/turismo-vai-crescer-em-2017/#sthash.odant6BI.dpuf>
- Oliveira, M. G. et al (2016). “The mediating role of literary tour guides: Saramago versus Mafra’s National Palace” in Andriotis, Konstantinos. *Conference Proceedings of the Internacional Conference on Turism (ICOT2016). New Challenges and Boundaries in Tourism: Policies, Innovations and Strategies*. Naples: International Association for Tourism Policy.
- Petronilli, F. (2016). *Em Breve Estarás Aqui*. Acedido em 28 de janeiro de 2017, em <https://vimeo.com/182015533>
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2014). “Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística” in *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal* no. 24 – 2014. Faro: ESGHT-University of the Algarve.
- Robinson, M. (2004). “Narratives of Being Elsewhere: Tourism and Travel Writing” in Lew, A. A., Hall, C. M. & Williams, A. M. (ed.). *A Companion to Tourism*. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing Ltd.
- Rocha, S. de M. (26-4-2017). “De Alfama para Cacilhas: ‘Qualquer dia fazemos lá os arraiais de Santo António’”. Lisboa: *TSF*. Acedido em 28 de janeiro de 2017, em <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/de-alfama-para-cacilhas-qualquer-dia-fazemos-la-os-arraiais-de-santo-antonio-6244554.html>
- Saramago, J. (1989). *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, J. (1980). *Levantado do Chão* (2.ª ed). Lisboa: Caminho.
- Saramago, J. (1990). *Memorial do Convento* (20.ª ed). Lisboa: Caminho.
- Saramago, J. (1988). *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (9.ª ed). Lisboa: Caminho.